

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GUILHERME RIBEIRO NUNES

**ORVILLE ADELBERT DERBY: UM OLHAR  
INTERDISCIPLINAR NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1876-1915).**

UBERLÂNDIA-MG

2016

**GUILHERME RIBEIRO NUNES**

**ORVILLE ADELBERT DERBY: UM OLHAR  
INTERDISCIPLINAR NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1876-1915).**

Monografia de final de curso, apresentada  
como exigência parcial para a obtenção  
do diploma de Graduação em História  
pela Universidade Federal de Uberlândia  
(UFU), sob a orientação do Professor Dr.  
Marcelo Lapuente Mahl

**UBERLÂNDIA-MG**

**2016**

**GUILHERME RIBEIRO NUNES**

**ORVILLE ADELBERT DERBY: UM OLHAR  
INTERDISCIPLINAR NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1876-1915).**

Monografia de final de curso, apresentada como exigência parcial para a obtenção do diploma de Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a orientação do Professor Dr. Marcelo Lapuente Mahl

Uberlândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl  
Orientador/UFU

---

Prof. Dr. Gilberto Cezar de Noronha

---

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, pois sem o apoio dos mesmos, desde meus primeiros passos na escola, jamais teria chegado a este momento, e provavelmente não teria alcançado meus objetivos de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais por todo o apoio que sempre me deram em minhas empreitadas na vida, tanto no âmbito das realizações acadêmicas quanto em minha vida profissional e emocional.

A minha irmã Mariana por estar sempre ao meu lado, mesmo morando em outra cidade, sempre me motivando nesta jornada.

Agradeço à minha namorada, Marina, por seu apoio e por ser minha companheira em todos os momentos, tendo me incentivado de maneira crucial nos passos finais dessa jornada da conclusão do curso de História.

A todos os excelentes professores que tive no decorrer de minha graduação, sempre me instigando na busca de novos saberes, em questionar o que nos é imposto na forma de verdade todos os dias, em especial ao meu orientador, Dr. Marcelo Lapuente Mahl por me guiar desde minha Iniciação Científica pelo caminho da pesquisa acadêmica, e principalmente por sua paciência e por acreditar no meu trabalho, mesmo com todos meus passos em falso.

## **RESUMO**

Esta monografia trata da atuação de Orville Adelbert Derby, um intelectual norte-americano, cuja formação em geologia nos anos 1860 propiciou a sua vinda ao Brasil, fazendo com que este fizesse parte do corpo de intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, no século XIX. Nesse sentido, busco observar em que medida os estudos de Orville A. Derby acerca das áreas não só da Geologia, mas também da Geografia e da História proporcionaram, de modo interdisciplinar, auxiliar no entendimento de um Brasil ainda a ser conhecido devido a sua grande extensão territorial.

A historiografia deste autor é analisada, nesta pesquisa, a partir dos artigos disponíveis na Revista do IHGB, a partir de textos escritos pelo próprio Derby entre 1876 e 1915, mas também de autores da época que fazem referência a ele.

Palavras-chave: Orville A. Derby – IHGB – interdisciplinaridade.

## **ABSTRACT**

This paper deals with the role of Orville Adelbert Derby, an American intellectual , whose training in geology in the 1860s led to his coming to Brazil , making this was part of the Brazilian Historical and Geographical Institute of intellectuals body, IHGB in XIX century. In this sense , I seek to observe to what extent the study Orville A. Derby about the areas not only of geology , but also geography and history provided in an interdisciplinary way, helped in the understanding of a Brazil still to be known because of its great territorial extension.

The historiography of this author is analyzed in this research from articles available on IHGB Magazine , from texts written by himself Derby between 1876 and 1915 , but also authors of the time that reference it.

Keywords: Orville A. Derby - IHGB - interdisciplinarity.



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 01 |
| 1. ORVILLE A. DERBY: BIOGRAFIA E CONTEXTO NO<br>IHGB.....  | 03 |
| 2. PRODUÇÃO ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR NA REVISTA DO INSTITUTO<br>HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (IHGB)..... | 16 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 24 |
| REFERÊNCIAS.....   | 28 |

## INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultado da minha participação enquanto aluno bolsista de Graduação no ano de 2013 com o projeto intitulado: “Orville Adelbert Derby: ciência e cultura nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1875-1915)”, sob a orientação do professor Marcelo Lapuente Mahl. Uma vez tendo estudado tal temática durante a Graduação, nada mais natural que esse interesse se estendesse para a monografia a ser apresentada no final do curso. A escolha do tema se deu não apenas pela importância do trabalho de Orville Derby como geólogo no Brasil, mas principalmente por demonstrar as preocupações que permeavam determinados círculos de uma elite intelectual que integrava o IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de elaborar documentos a fim de oficializar uma História do Brasil, e também instigar o ensino de história no Brasil que até o momento não existia.

Orville Adelbert Derby foi um geógrafo norte-americano do século XIX que atuou no Brasil entre os anos 1876 e 1915. Tendo feito parte do corpo de estudiosos do IHGB – Instituto Brasileiro Histórico e Geográfico, posteriormente passou a integrar principalmente o IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. A abordagem escolhida para a escrita desta monografia versa sobre o papel deste personagem enquanto um dos membros do IHGB e a maneira como se deu o diálogo, neste período e lugar, entre as disciplinas História e Geografia<sup>1</sup>. Quem foi Orville A. Derby? Quais motivações o trouxeram ao Brasil para estudar a geografia brasileira? Estes são alguns dos questionamentos que nortearam esta pesquisa.

Este trabalho será dividido em dois capítulos. O primeiro tratará do levantamento de dados biográficos sobre Orville A. Derby através das obras *Orville A. Derby: “o pai da geologia no Brasil*, de Pierluigi Tosatto (2001) e *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX*, de Maria Margareth Lopes (2009). Visando entender os significados que permeiam uma escrita biográfica recorri ao autor Pierre Bourdier (2006) à luz do texto *A ilusão*

---

<sup>1</sup> Segundo Lopes (2009, P. 135), “(...) as Ciências Naturais constituíram parte intrínseca do projeto do IHGB, que visava atingir graus avançados de civilização para o país, mediante a investigação de todos os aspectos da História do Brasil, incluída a parte da sua História Natural. Reunindo a elite imperial do país, o próprio imperador e vários dos diretores do Museu Nacional, o IHGB foi a associação científica que mais de perto se pode identificar com os projetos dos construtores do Império Brasileiro, sendo o responsável pela construção da História oficial do país.”.

*biográfica*, que auxilia no entendimento de que os homens são produtos do seu tempo. Buscando compreender o contexto de criação do IHGB e o consequente terreno propício para uma abordagem geográfica a partir deste Instituto, utilizei os artigos *Como se escreve a História: memória, história e historiografia*, de Nelson Schapochnik (1993); *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*, de Manuel Luis Salgado Guimarães (1988) e *Como se deve escrever a História do Brasil*, de Karl Friedrich von Martius (1845). O intuito dessas escolhas foi tentar localizar o autor e pesquisador Orville A. Derby no IHGB frente ao que se esperava em termos de historiografia brasileira naquele período. Embora não adentre na trajetória intelectual e acadêmica de Derby após mudar-se do Rio de Janeiro para São Paulo no ano de 1986, quando começa a atuar no IHGSP, fez-se necessário conhecer as vias com que esse processo se deu a partir do artigo do professor Marcelo Lapuente Mahl (2010), sob o título *Orville Adelbert Derby: ciência e vida intelectual em São Paulo (1886-1905)*.”.

O segundo capítulo tratará das fontes selecionadas, ou seja, os artigos publicados por Orville A. Derby na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro entre os anos de 1876 e 1901, observando a abordagem dada por ele nestas produções. Nesse sentido, busquei todas as revistas publicadas durante o período no qual Orville A. Derby foi membro do IHGB, levantando todos os artigos e separando aqueles por ele publicados ou que a ele faziam menção, bem como a presença de seu nome nas atas presentes ao final de cada publicação da Revista.

A minha intenção, ao término desta monografia, não é obter uma resposta quanto às contribuições deste pesquisador, que são evidentes, ou quais as reais intenções de sua pesquisa, mas levantar questões e apontar caminhos frente ao que fora a sua produção, a sua importância no campo da Geografia, mas, sobretudo, a percepção em torno da figura de Orville A. Derby enquanto pesquisador multidisciplinar a ponto de ser vislumbrado enquanto historiador e ainda, apesar de sua importância para a historiografia brasileira, questionar o posicionamento em uma das suas biografias que constrói a ideia de “homem à frente do seu tempo”.

## 1. ORVILLE A. DERBY: BIOGRAFIA E CONTEXTO NO IHGB

Início este capítulo tratando sobre vida, a vida de Orville A. Derby. Mas, antes de começar a escrever sobre a sua trajetória enquanto homem de letras, escolho problematizar o discurso construído acerca de determinada figura humana a fim de poder perceber quais as intenções de quem o produz a partir de uma pessoa específica. Para tratar da biografia de Orville Derby, recorri à obra de Pierluigi Tosatto (2001), intitulada *Orville A. Derby: o pai da geologia do Brasil* que apresenta toda a trajetória de vida deste personagem desde a sua formação até a sua morte.

Antes de adentrar no universo biográfico de Derby, faz-se necessário entender que ao falarmos sobre alguém é preciso localizá-lo historicamente, buscando identificar aspectos da vida em todos os âmbitos, do privado ao público. Para tanto, utilizo-me das ideias de Pierre Bourdier (2006) sobre biografias e os pontos relevantes que devem ser considerados sobre uma abordagem tão delicada. Segundo Bourdier (2006, p.183),

Falar de história de vida é, pelo menos, pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos, de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.”.

Essa ideia de “homem à frente do seu tempo” é desmistificada, também com Mahl (2001), ao afirmar que uma produção científica plural, ou seja, quando o pesquisador conhece outras áreas do saber, eram questões próprias dos intelectuais do tempo de Derby. Nesse sentido, para compreender quem foi Orville A. Derby é preciso conhecer os contextos: histórico, social, político entre outros, nos quais este homem encontrava-se inserido. Nascido em 1851 nos Estados Unidos, ingressou aos 17 anos na Universidade de Cornell. Foi aluno de Charles Frederic Hartt, professor de Geologia e Geografia Física da Universidade de Cornell e que esteve no Brasil como membro da Expedição Thayer, executada em 1865. Posteriormente convidado a dirigir a primeira Expedição Morgan ao Brasil, em 1870, Hartt incumbiu o seu aluno Derby, em decorrência de sua ausência, a realizar alguns estudos acerca dos briozoários fósseis de Nova York. Ao voltar, Hartt identificou progressos em Derby que culminaram no convite a participar da segunda Expedição Morgan ao Brasil, em que “entusiasmado Derby, então com 18 anos, prontamente aceitou o

convite que influenciou e determinou por completo a trajetória de sua carreira e vida. Derby participou de duas Expedições Morgan (2001), a 1ª em 1870 e a 2ª em 1871 [...]”. (TOSATTO, 2001, P.05).

Ao regressar da segunda expedição em 1872, Orville Derby prosseguiu com os estudos na Universidade de Cornell, graduando-se em Geologia e continuando como assistente de Hartt, em Cornell. Em 1874 graduou-se professor sob orientação de Hartt com a tese sobre a geologia do Brasil sob o título *Braquiópodes Carboníferos de Itaituba, Rio Tapajós*, sendo esta também a sua primeira publicação (TOSATTO, 2001, P.05)<sup>2</sup>. Segundo Tosatto (2001, P.05),

[...] essa foi a primeira e, pelo menos até meados do século XX, a única tese defendida em Universidade norte-americana versando sobre geologia do Brasil. [...] As 26 espécies por Derby descritas naquele trabalho eram quase todas novas, mas ele fez também referência a duas outras distribuídas em 15 gêneros. Em seu estudo comparativo desses fósseis com exemplares de outras regiões norte-americanas, concluiu por atribuir-lhes como Carbonífera Superior a idade geológica.”.

Além de Derby, outros estudantes naturalistas participaram da expedição, a saber: William Stebbins Barnard, Charles Jason Power, Phineas Peck Stanton, Parley M. Johnson e DeBorden Wilmont. A primeira expedição teve por objetivo estudar o litoral do nordeste brasileiro e a segunda, em 1871, o vale do Amazonas, onde foi possível montar uma coleção de fósseis. Nessa ocasião, Derby foi o único aluno convidado por Hartt. De acordo com Tosatto, “os resultados daqueles estudos foram publicados em vários artigos preliminares em jornais científicos norte-americanos” (TOSATTO, 2001, P. 08) e teve grande repercussão pelo fato de ter posto em cheque uma pesquisa anterior desenvolvida por um renomado pesquisador Jean Louis Rodolphe Agassiz<sup>3</sup> (TOSATTO, 2001, P. 03) sobre a glaciação do vale do Amazonas. Percebem-se nessas expedições diversas linhas de pesquisa que, segundo Tosatto (2001, P. 08), “não se voltavam apenas para a área geológica e paleontológica, pois importantes resultados foram obtidos com a realização de acurados estudos sobre a arqueologia brasileira [...]”.

---

<sup>2</sup> Embora não seja objetivo deste trabalho o detalhamento da pesquisa de Orville Derby, acredito ser necessário um breve resumo do trabalho do mesmo a fim de situar o leitor, assim como também identificar se de fato houve ineditismo dessa temática no período pesquisado.

<sup>3</sup> Enquanto foi professor da universidade de Harvard, Agassiz dirigiu a Expedição Tahyer ao Brasil em 1865, tendo como membro Charles Hartt, futuro professor de Orville Derby.

Orville Derby retornou aos Estados Unidos em 1872 e os fósseis coletados durante a expedição foram guardados na Universidade de Cornell, no prédio para onde foi transferido o Departamento de Geologia. Charles Hartt retornou ao Brasil em 1874, a convite do Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, José Fernandes da Costa Pereira Junior, para auxiliar na criação de um Serviço Geológico do Império, no Rio de Janeiro, onde, segundo Tosatto (2001, P. 10)

[...] mal aportou no Rio de Janeiro empenhou-se para convencer os homens eminentes da política do país da necessidade de ser elaborado um mapa geológico do Império. Tão convincente foi sua exposição que, em meados de 1875, foi fundada a “Comissão Geológica do Império do Brasil”, por resolução do Governo Imperial do Brasil.

Ao ser designado chefe da Comissão, Hartt ampliou o convite para dois de seus antigos estudantes: Orville Derby e Richard Rathbun. Derby regressou a Brasil no ano de 1875, permanecendo aqui até o fim de sua vida. O início dos estudos geológicos de Derby se deu na província da Bahia, estendendo-se ao Sergipe, Recôncavo e a Bacia do Rio São Francisco. Em seguida, deslocou-se até o Pará e o Amazonas para estudar os depósitos carboníferos (TOSATTO, 2001, P. 10). Nesse estudo foi feita a identificação de grande porção do território brasileiro e a coleta de material científico nas áreas da geologia, paleontologia, arqueologia e zoologia, porém

[...] em 1875, a crise econômica que abalou a nação brasileira afetou também a Comissão Geológica do Império e o seu plano quinquenal de trabalhos, reduzindo significativamente os recursos programados. Assim, em junho de 1877, quando toda a sua equipe técnica estava desenvolvendo, no Rio de Janeiro, os trabalhos de escritório (estudo e organização das coleções e relatórios), o ministro da Agricultura, conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, por medida de economia optou por extingui-la e, assim, suas atividades foram suspensas e culminaram com sua completa extinção, de fato, em 1878 (TOSATTO, 2001, P. 11-12).

Houve no mesmo ano a tentativa por parte de Hartt, Derby e Rathbun na criação de um Relatório Geral da Comissão a fim de restabelecê-la, porém, isso não ocorreu. Associado ao fim da Comissão, Hartt morre no Rio de Janeiro, cabendo a Derby continuar os trabalhos<sup>4</sup>. Nesse ínterim, todo material científico coletado pelos

---

<sup>4</sup>Mahl (2012, p.307) afirma que uma das causas que culminaram no encerramento da Comissão Geológica em 1877, ou seja, dois anos depois do seu início, teria sido a lentidão na apresentação dos resultados práticos da pesquisa, além da limitação de acesso de Hartt a d. Pedro II. Como resultado

pesquisadores foi enviado ao Museu Nacional<sup>5</sup> e, de acordo com Tosatto (2001, P. 13), enquanto todos os auxiliares retornavam aos Estados Unidos, Derby fora o único a ficar “por sua ansiedade em salvar para a ciência o fruto de tanto trabalho, dedicando-se a esse fim.”. Segundo Mahl (2012), dois objetivos norteavam a fundação de museus e institutos ao longo do século XIX:

Primeiramente, o modernizador, que buscava inserir o país nos caminhos da pesquisa internacional, principalmente nas áreas de ciências naturais, tentando superar uma condição periférica que, até então, reservara à nação somente o papel de fornecedora de material de pesquisa bruto para suprir o desejo dos inúmeros naturalistas que, cada vez mais, por aqui aportavam. Por outro lado, coube também aos museus e institutos o papel de guardiões da história e do orgulho nacional, reservando para si um status simbólico de defensores da nacionalidade, efetivando o projeto de nação - uma monarquia esclarecida nos trópicos - incorporado, de forma convincente e alegórica, na figura de d. Pedro II (MAHL, 2012, P. 301).

Enquanto aguardava ingressar no Museu Nacional por vias de um contrato anual como diretor da sua seção geológica “(...) realizou por conta de um particular, com fins industriais, uma excursão de estudos na província do Paraná e na bacia do Rio São Francisco, excursionando também nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.” (MAHL, 2012, P. 13). Outras comissões foram sendo criadas à medida que a nomeação de Derby não se efetivava, mesmo sem receber remuneração, mas apenas uma ajuda de custo. Entre as comissões, uma prestaria auxílio no estudo da navegabilidade dos rios São Francisco e das Velhas. Nesse período, o Museu Nacional possuía um quadro de técnicos e cientistas de grande destaque da ciência brasileira. Enquanto os trâmites legais para a contratação de Derby eram providenciados, o diretor do Museu Nacional Ladislau de Souza Mello entre 1874 a 1893 viabilizou a publicação de três trabalhos oriundos do período em que Derby atuou na extinta Comissão Geológica (MAHL, 2012, P. 17).<sup>6</sup>

---

desse fechamento, os materiais coletados durante esse tempo foram enviados ao Museu Nacional. Hartt, com o fim da Comissão, teria ficado abalado a ponto de isso ter acarretado na sua morte um ano depois, em 1878, no Rio do Janeiro.

<sup>5</sup> Segundo LOPES, 2009 “O século XIX brasileiro e latino-americano não foi o século dos museus históricos europeus. Como artefatos históricos, os museus de ciências naturais materializaram e institucionalizaram os contextos sociais, culturais, científicos, políticos em que se forjaram, no Brasil e na América Latina.”. LOPES, 2009, P.10).

<sup>6</sup> Os nomes dos trabalhos são: “Contribuição para a geologia da região do Baixo Amazonas”; “Geologia da região diamantífera da Província do Paraná no Brasil e “A Bacia Cretácea da Bahia de Todos os Santos”.

Em relação ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, Lopes (2009, P. 11) esclarece que este foi criado em 1818, sendo por quase um século uma das poucas, senão a principal instituição brasileira a dispensar dedicação especial à História Natural. Só a partir da segunda metade do século XIX é que iniciativas museológicas específicas passaram a se dedicar especificamente às Ciências Naturais no Brasil, cujos exemplos são o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará e o Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, em São Paulo. Ainda segundo a autora, a origem dos museus brasileiros pode ser observada a partir de dois aspectos:

(...) a transição para o século XIX, caracterizada pela crise do Antigo Sistema Colonial e a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil, com o conjunto de implementos nos terrenos social, político, econômico e cultural que daí resultaram; e os anos inaugurados pela década de 1870, sintetizados nas frases clássicas de Sílvio Romero e Fernando de Azevedo, respectivamente, como período de um “bando de ideias novas” e de “ebulição intelectual” do país. (LOPES, 2009, PP.11-12)

Uma forma que Derby encontrou para disseminar os trabalhos contidos no Museu foi enviá-los a ex-colegas que garantiram, assim, sua publicação em jornais científicos norte-americanos. Quanto às coleções contendo os seus estudos, vários especialistas estrangeiros se prontificaram em produzir monografias a ficarem sob a guarda do Museu.

(...) Derby publicou, entre 1879 e 1890, quarenta e dois trabalhos sobre geologia, mineralogia, petrografia, paleontologia, jazidas minerais e meteoritos, todos elaborados no Museu Nacional. Este grupo de trabalhos corresponde a  $\frac{1}{4}$  do conjunto de sua obra, total de 175 publicações (LOPES, 2009, PP. 19-20).

Já tendo iniciado suas atividades nos “trabalhos de Levantamentos Topográficos e Geológicos do Estado de São Paulo”, Derby, com auxílio de alguns alunos e no intuito de melhorar a “instituição” e com a ajuda do presidente da Província de São Paulo, João Alfredo Corrêa de Oliveira, conseguiu a criação da Comissão Geográfica e Geológica da província de São Paulo (LOPES, 2009, PP. 24-25).<sup>7</sup> Segundo Figueiroa apud Mahl (2012, P. 306), “(...) foi a dedicação e a

<sup>7</sup> Tal Comissão é criada a partir da Lei nº 9, de 27 de março de 1886. Com ela, foram nomeados engenheiros e técnicos. Segundo Tosatto, “as principais atribuições daquela Comissão seriam a de desenvolver o conhecimento geográfico (sobretudo o relevo), o estudo da geologia, com ênfase para os recursos minerais, e do solo de São Paulo, além das vias de comunicação, objetivando tal conjunto de atividades atender às necessidades do desenvolvimento econômico e social,



perseverança de Hartt que levaram o imperador D. Pedro II a autorizar a formação, em 1874, da Comissão Geográfica e Geológica do Império, com recursos e iniciativa nacional.”. Vale salientar que em anos anteriores – entre 1825 e 1829, o IHGB havia tentado, através da Comissão Científica de Exploração, mapear as províncias do Norte e Nordeste, porém, tal comissão foi um fracasso devido à falta de planejamento e problemas de relacionamento entre os membros envolvidos.

Mesmo dividido entre o trabalho no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e na nova Comissão, em São Paulo, uma das primeiras preocupações de Derby à frente desta última, a partir de então, era explorar regiões pouco conhecidas e ainda não mapeadas do Brasil. Como resultado disso, surgiram as primeiras obras de relevância nos campos da “geografia, geologia, meteorologia, botânica, arqueologia, etnografia, terminologia indígena, história, etc., todas apresentadas em forma de relatórios, mapas, boletins, pareceres etc.” (LOPES, 2009, P. 28).

Em 1885, Derby atendeu ao pedido do presidente da província de São Paulo, João Alfredo Correia de Oliveira, para elaborar um plano de exploração geológica de tal província. Foi realizada então uma adaptação aos trabalhos já iniciados por Hartt e isso “aparentemente chamou a atenção dos governantes, principalmente no que se refere à promessa da elaboração de uma carta geológica regional.” (MAHL, 2012, P. 309).

Embora a biografia escrita por Tosatto não trate dos interesses políticos acerca da criação da Comissão, Mahl (2012, P. 307) esclarece que, no momento de sua criação, o contexto histórico brasileiro sinalizava uma conjuntura de grande expansão agrícola, especificamente a cafeicultura, cujo eixo seguia, a partir do Rio de Janeiro, seguindo para o interior de São Paulo e sul de Minas Gerais. Nesse sentido, é possível perceber que o discurso científico agia em prol da economia, fazendo-se entender o maciço financiamento dessa empreitada por D. Pedro II.

A demanda pelo conhecimento de novas áreas agricultáveis, assim como pelos tipos de solo disponíveis no Brasil, além da elaboração de cartas geológicas e mapas, facilitou o trabalho de Hartt em convencer Pedro II a financiar o projeto. O geólogo norte-americano também soube interpretar essas novas perspectivas econômicas, uma vez que sua proposta para a comissão seguia os padrões dos serviços geológicos (*geological surveys*), que apresentavam um direcionamento das pesquisas para os resultados práticos, com levantamento de solos e estudos que favoreciam o avanço econômico. (MAHL, 2009, P. 307).

---

especialmente na área agrícola, da época.”.

Sendo assim, Derby elabora o Boletim nº 1, intitulado “Retrospecto Histórico dos Trabalhos Geográficos e Geológicos efetuados na Província de São Paulo”, publicado pela Comissão em 1889. Em decorrência de compromissos constantes nos Estados Unidos, Derby deixou o cargo de diretor no Museu Nacional. Retornou definitivamente ao Brasil em 1894, reassumindo a função de chefe da Comissão e criando uma Seção Zoológica, “cuja ligação provisória como Museu junto à Comissão cessou em 1894 quando o Museu do Ipiranga foi criado (...). Desnecessário dizer que Derby contribuiu muito para a criação do Museu Paulista” (LOPES, 2009, P. 34).

Miguel Calmon, político baiano e então Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, entrevistou junto ao presidente Afonso Pena para que este custeasse a iniciativa encabeçada por John Casper Branner<sup>8</sup> em descobrir, explorar e mapear os recursos minerais dos estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco (OLIVEIRA, 2016, P. 934). Era o ano de 1907 e foi nesse contexto que

Miguel Calmon criara recentemente no âmbito daquele ministério o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, cuja direção fora confiada ao norte-americano Orville Derby – considerado na época a maior autoridade em geologia brasileira –, antigo companheiro de Branner nos tempos da Missão Hartt e da Comissão Geológica do Império (ARAUJO e GUIMARÃES, 2004, P. 97).

A ocupação de determinados cargos era permeada por questões de ordem política. Em 1896, ao apresentar a Teodoro Dias, então Secretário da Agricultura, uma proposta de organização da Seção de Botânica da Comissão Geográfica e Geológica, Derby se deparou com duras críticas por parte de Francisco Behring, professor da Escola Politécnica de São Paulo, em relação à morosidade da Comissão Geográfica e Geológica na elaboração de uma Carta Geográfica do Estado de São Paulo. Com a estabilidade na chefia da Comissão abalada e não reconhecendo a competência dos técnicos nacionais em julgar as normas de

---

<sup>8</sup> John Casper Branner (1850-1922) foi um geólogo norte-americano que investigou a geologia do litoral do Nordeste brasileiro através da Branner- Agassiz Expedition, em 1899, e na Stanford Expedition, em 1911. Assim como Derby, também foi aluno e assistente de Charles Frederick Hartt (1840-1878). OLIVEIRA, Almir Leal de. O litoral do Nordeste do Brasil como objeto científico darwinista: as prospecções de John Casper Branner, 1899-1911. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702014000300931](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000300931). Acesso em: 21 fev. 2016.

conduta da Comissão, nota-se o desejo de seus antagonistas em ter a sua vaga na Comissão ocupada por um técnico brasileiro (TOSATTO, 2001, P. 34).

De acordo com Tosatto (2001, P. 34), “(...) até fins de 1904, sem considerar os vários reconhecimentos, o total dos resultados levantados topograficamente durante a administração de Derby chegou a 81.836 km<sup>2</sup>, área equivalente a 1/3 da área total do Estado de São Paulo.”. Apesar disso e justamente em consideração ao tempo investido neste trabalho, o Governo mostrava-se irritado quanto ao retorno do dinheiro que financiara tais pesquisas. Uma das consequências foi o achatamento da verba: 60% menor relação ao ano anterior e 30 a 40% de redução nos salários do pessoal. Ao tentar intervir, Derby não obteve êxito.

Esperançoso de que a mudança de governo no ano seguinte (1855-1928), com Jorge Tibiriçá à frente o favorecesse, acabou o prejudicando ainda mais, pois os nomes cotados estavam mais inclinados à causa de Francisco Bhering, já mencionado anteriormente. Segundo Mahl (2012, P. 312), a relação entre Derby e Bhering se desgastou em decorrência da morosidade deste em divulgar a carta geológica do estado de São Paulo, tão aguardada pelo governo local. Além disso, havia, à época, duas visões conflitantes de ciência na academia:

[...] de um lado, uma percepção mais romântica, tributária dos naturalistas do século XIX. De outro, a praticidade dos novos engenheiros e técnicos, então representados pela Escola Politécnica. Orville A. Derby, formado naquela primeira concepção, seguia um ritmo mais lento, ao mesmo tempo em que nutria interesses mais plurais, explicitados em sua obra diversificada e abrangente, que versava da história indígena a origens do povo paulista. (MAHL, 2012, P. 304).

Derby atuou no campo da arqueologia ao ser incumbido de dar continuidade a expedição iniciada por Charles Hartt em 1870, na região amazônica. Ali foi identificada a existência de grande quantidade de louça indígena, de fabricação bem antiga. A biografia produzida por Tosatto não se aprofunda nas relações entre as descobertas de Derby e os interesses políticos das lideranças, já que esta expedição tinha a sua intencionalidade.

(...) Muitos dos empreendimentos ao interior eram custeados pelo IHGB sob a justificativa de coletar materiais referentes aos diversos grupos indígenas, porém, havia um interesse do Estado em se beneficiar de tais esforços, uma vez que a descoberta de novas terras para o cultivo agrícola se constituía de um elemento economicamente vantajoso por via da descoberta de riquezas minerais (GUIMARAES, 1988, P. 19).

Em 1874 Hartt publicou um Boletim contendo observações acerca da região amazônica, delegando a Derby a elaboração de trabalhos descritivos sobre rochas carboníferas no Vale do Amazonas. Nesse sentido, “com seus trabalhos sobre Paleontologia mereceu lugar de distinção entre os paleontólogos e geólogos que consideram de real importância sua obra “Contribuições para a geologia do Baixo Amazonas”.” (GUIMARAES, 1988, PP. 51-54).<sup>9</sup>

Derby publica em 1891 mapas detalhados da América Meridional, editados na França, Alemanha e Estados Unidos, tendo sido, neste último país, convidado a prestar uma consultoria em cursos de mesma natureza. Em 1898 Derby atua junto ao governo paulista quanto ao projeto de abastecimento de água em São Paulo e as possibilidades que as regiões apresentavam em termos de constituição geológica.

Em 1905 exonera-se da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. A esta altura, segundo Tosatto (2001, P. 66) “os trabalhos geológicos que ali realizou com seus técnicos, embora restritos, tinham elementos suficientes para estabelecer, quase que completamente, a coluna geológica daquele Estado (...)”. É convidado pelo ministro de Viação e Obras Públicas, Miguel Calmon du Pin e Almeida, em 1906 para criar, no Brasil, o Serviço Geológico, “estudando um plano de operações onde atuariam técnicos devidamente capacitados em trabalhos geológicos e topográficos.” (TOSATTO, 2001, P. 76). Naturalizado brasileiro em 1915, Derby suicidou-se neste mesmo ano. Algumas conjecturas são levantadas acerca de sua morte, a principal gira em torno do fato de Derby ter cometido tal ato como forma de protesto devido ao descaso de determinados nomes e setores para com o Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro ao proceder com o corte de verbas que comprometeu o orçamento e a conseqüente manutenção de tal empreendimento (TOSATTO, 2001, P. 83). Tosatto (2001) reforça essa hipótese ao explicitar

(...) no contexto de sua vida profissional, Derby, que sempre agira com retidão e teve seu nome afamado, respeitado por toda a comunidade científica e política da época, não resistiu às injustiças, incompreensões e problemas burocráticos com que se deparou e que o levaram a transferir-se de São Paulo para a Bahia e desta para o Rio de Janeiro. (TOSATTO, 2001, P. 83).

---

<sup>9</sup> Derby também estudava sobre jazidas de diamantes, origem dos minérios em Minas Gerais, meteoritos brasileiros, calcários hidráulicos de São Paulo, depósitos de manganês em Minas e Bahia etc.

Outra possível justificativa para o suicídio seria a vida solitária de Derby no Brasil. Sem ter se casado e sempre morando em quartos de hotéis, a falta de um lar, nas palavras do Prof. Joaquim Cândido da Costa Sena (1852-1919), teria colaborado para o cometimento de tal ato. Nesse sentido, retomo Pierre Bourdier (2006) ao tratar da trajetória de uma vida e suas passagens, desde a estreia até a sua finitude, nos convidando a refletir sobre esta ideia calcada no senso comum de que a vida seria, de maneira ilusória, algo que transcorre de modo homogêneo e teleológico.

Observando a biografia produzida por Tosatto (2001), identifico um modelo de escrita positivista, preocupada em exaltar grandes nomes e grandes feitos, enfatizando datas, muito semelhante a um modelo de história “decoreba” e superficial, na medida em que não abordada um determinado contexto histórico de maneira crítica e problematizante, mas, em grande parte, o faz de maneira meramente descritiva e factual.

Antes do século XIX não havia tanta preocupação em se fazer da História uma ciência. Nas palavras de Manoel Salgado, “o discurso historiográfico ganha foros de cientificidade num processo em que a ‘disciplina’ história conquista definitivamente os espaços da universidade.” (GUIMARÃES, 2008, P. 15). Esta necessidade de uma ciência nova foi o resultado de um processo cuja base assentava-se no Iluminismo e na Revolução Francesa, calcada na ideologia de progresso sob duas perspectivas, segundo Monod (1889) apud Payen (2006, P.104):

[...] por um lado o progresso desinteressado, na medida em que ilustrava o “espírito científico” próprio às “ciências morais” - diríamos, hoje – ciências humanas e sociais -; por outro o progresso útil, e mesmo utilitário, na medida em que não podia ser separado de sua contribuição à “direção da sociedade moderna”.

Foi através do historicismo, ou seja, do método de análise crítica das fontes primárias produzidas pelo Estado a através das quais determinados personagens deveriam ser exaltados que, a partir do século XIX, a escrita da história deveria adotar como modelo. Para Monod (MONOD apud PAYEN, 2006, p.115), este já era um artifício identificado na antiguidade clássica, observadas nas obras produzidas por Heródoto, Tito Lívio, entre outros, no sentido de perceber um casamento destas práticas desde tempos tão longínquos, mas que se aplicavam aos

historiadores modernos a partir do século XIX em relação a constituição e fortalecimento das Estados-nações na Europa. Nada que surpreende o tipo de história que o IHGB esperava que se produzisse ao pensar no Brasil, neste período, como um lugar, e neste sentido me refiro à ideia de operação historiográfica de Michel de Certeau (CERTEAU apud GUIMARÃES, 1988, p.05) <sup>10</sup> para abordar este conceito, que vislumbra por consolidar-se enquanto Estado Nacional.

A partir deste período, na Europa, ao atribuir a História o status de ciência, o historiador passa de homem de letras a pesquisador. De acordo com Guimarães (1988, p.05-06):

O caso brasileiro não escapará, neste sentido, ao modelo europeu – e isto certamente trará consequências cruciais para o trabalho do historiador em nosso país –, ainda que deste lado do Atlântico outro será o espaço da produção historiográfica. Não o espaço sujeito à competição acadêmica própria das universidades europeias, mas o espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas que conheceram seu auge na Europa nos fins do século XVII e no século XVIII.[...] Assim, é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de forma sistematizada.

*Como se deve escrever a História do Brasil*, dissertação escrita por Von Martius em 1845 para o IHGB, destaca os elementos que devem compor o homem brasileiro:

[...] tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre ou americana, a branca ou Caucásiana, e enfim a preta ou ethiopies. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças d'essa três raças, formou-se a actual, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular.<sup>11</sup> [...] D'isso necessariamente se segue que o Portuguez, que, como descobridor, conquistador e Senhor, poderosamente influiu n'aquelle desenvolvimento; o Portuguez, que deu as condições e garantias moraes e physicas para um reino independente; que o Portuguez se apresenta como o mais poderoso e essencial motor.

Von Martius aponta ainda outras questões em sua dissertação acerca da formação do homem brasileiro, entre elas: a importância do cruzamento das raças

<sup>10</sup> Segundo Certeau (1976, pp. 17-48), citado por Guimarães (1988, p.5), “este lugar de onde o discurso historiográfico é produzido desempenhará um papel decisivo na construção de uma certa historiografia e das visões e interpretações que ela proporá na discussão da questão nacional.”

<sup>11</sup> Essa referência de Von Martius é contestada por Gilberto Freyre na obra *Casa-Grande & Senzala*, de 1933. Nela, o autor relativiza o papel do português no processo de formação da nação brasileira, uma vez que atribui ao europeu todo o protagonismo, enquanto os indígenas, e posteriormente os escravos negros, seriam meros contribuidores para a formação do povo brasileiro.

“para alcançar os mais sublimes fins na ordem do mundo”; a crença em uma providência divina no que se refere a mistura das raças, mas, sobretudo, na superioridade do sangue português: “jamais nos será permitido duvidar que a vontade da providência predestinou o Brazil a esta mescla”; a postura do historiador e como deve ser direcionado o seu olhar ao se debruçar sobre a escrita da História do Brasil naquele momento que era o século XIX (MARTIUS, 1845, p.384):

Apreciar o homem segundo o seu verdadeiro valor, como a mais sublime obra do Creador, e abstrahindo da sua côr ou seu desenvolvimento anterior, é hoje em dia uma *conditio sine qua non* para o verdadeiro historiador. [...] Com quanto mais calor e viveza elle defender em seus escriptos o interesses d'essas por tantos modos desamparadas raças, tanto maior será o mérito que imprimirá à sua obra, a qual terá igualmente o cunho d'aquella philantropia nobre, que em nosso século com justiça se exige do historiador.

Ainda de acordo com Von Martius, para melhor compreender os povos indígenas que aqui viviam antes da chegada dos portugueses, era necessária uma formação mais completa do historiador a que ele chama de historiador filósofo, ou seja, aquele que pensa de maneira multidisciplinar o Novo Mundo, abarcando conhecimentos relativos à língua, aos hábitos, a geografia, a etnografia, a arqueologia etc, embora reconhecesse que a historiografia produzida ao final devesse exaltar a Monarquia, exercendo a sua função de historiador patriótico. Segundo Martius (1845, p.395-96):

[...] pertence à tarefa do historiador Brasileiro ocupar-se especialmente com o progresso da Poesia, Rhetorica, e todas as mais sciencias em Portugal, mostrar a sua posição relativa às mesmas no resto da Europa, e apontar qual a influencia que exerceram sobre a vida scientifica, moral e social dos habitantes do Brazil. [...] achará o historiador um atractivo variadíssimo na narração das numerosas viagens de descobertas e incursões dos differentes pontos do littoral para os desertos longinquos do interior (os sertões), emprehendidas em procura de ouro e pedras preciosas, ou com o fim de capturar e levar como escravos os indigenas.

O primeiro Instituto Histórico do Brasil foi o IHGB. Paulatinamente outros foram criados a fim de atender a uma demanda de história regional, a exemplo do Instituto Archeologico e Geografico Pernambucano (1962) e do Instituto Historico e Geographico de São Paulo (1984). De acordo com MAHL (2012, P. 300):

O surgimento e a consolidação dessas novas iniciativas de produção científica e cultural, materializadas nos museus dedicados às ciências

naturais e , nas faculdades e institutos históricos, facilitou a formação de uma crescente rede de intelectuais, tanto nacionais quanto estrangeiros, que transitavam em vários campos do saber e que encontraram, nesses locais únicos, não raramente financiados pelo Estado, espaços de atuação e de discussão sobre assuntos que extrapolavam a esfera científica, versando sobre literatura, artes visuais e projetos para a nação.

Nesse sentido, é possível observar o contexto de atuação de um profissional como Orville A. Derby, desde a sua vinda ao Brasil até a sua morte. Retomando Bourdier, por mais que tentemos entender a história de vida de um determinado indivíduo de maneira linear e cronológica, este modo de ver não só a vida das pessoas, mas a história de um modo geral, não passa de uma atitude ingênua na medida que ocorrem idas e vindas, rupturas e permanências, mas, sobretudo, por que lidamos com seres humanos carregados de “maneiras de sentir e pensar”.(BLOCH, 1982, P.96). Penso que Bloch pode nos auxiliar em relação a pensar que determinadas características de uma época não necessariamente podem ser explicadas a partir de uma única causa, mas várias.

Após as leituras, pude identificar que contextos histórico, social, político e econômico que possibilitaram não só uma estrita sobre o Brasil a partir do IHGB, mas quais pessoas estariam investidas de tal autoridade: homens, geralmente estrangeiros ou brasileiros formados no exterior, cujo modelo eurocêntrico servia de fio condutor para ditar quem eram os protagonistas e quem eram os coadjuvantes, meros contribuidores na formação da nação brasileira.

Foi possível perceber que intelectuais como Orville A. Derby e tantos outros que vieram para o Brasil no século XIX ou até antes disso, tiveram sua inegável colaboração reconhecida, porém, isso não os faz “homens a frente do seu tempo”. Suas expedições foram pesadamente financiadas pelo governo e por determinados agentes de uma elite brasileira, motivadas por vantagens econômicas e desejo de expansão territorial que, do contrário, não teriam, muito provavelmente, resultado na grande produção acadêmica acerca da história do Brasil e que será devidamente demonstrada no capítulo seguinte desta monografia tendo-se em conta os escritos de Orville A. Derby na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

## **2. PRODUÇÃO ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (IHGB)**



Neste capítulo abordarei os artigos publicados por Orville A. Derby na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cuja periodicidade localiza-se entre os anos 1876 e 1904. A seleção das fontes trata das edições em que Orville A. Derby efetivamente publicou ou foi mencionado por outros autores no site do IHGB.

A metodologia adotada visou reunir todas as revistas publicadas durante o período no qual Orville A. Derby foi membro do IHGB, embora tenha observado que sua maior atuação se deu no espaço do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Foi feita a leitura de todos os artigos escritos por ele, selecionando aqueles por ele publicados ou que a ele faziam menção, bem como a presença de seu nome nas atas presentes ao final de cada publicação da Revista.

O intuito de selecionar tais documentos foi o de fazer um levantamento bibliográfico das contribuições diretas e indiretas do trabalho de Derby enquanto geólogo e homem de ciências em um aspecto mais amplo.

Segundo Guimarães (1988, p.19), a RIHGB começa a ser publicada desde a fundação do Instituto em 1838.

Além de registrar as atividades da instituição através de seus relatórios, divulgar cerimônias e atos comemorativos diversos, as páginas da Revista se abrem à publicação de fontes primárias como forma de preservar a informação nelas contida – aliás, parte substancial de seu conteúdo nos primeiros tempos -, de artigos, biografias e resenhas de obras.

Um dado importante que o autor nos fornece é a predominância da temática indígena na Revista, porém, entre os artigos coletados e que me servem como fonte nesta monografia, não identifiquei a ocorrência desta temática, talvez pela abordagem utilizada por Orville Derby nestes escritos. Em contrapartida, consegui localizar a presença de oito artigos de teor biográfico, cujos títulos são: “Biografia do Bispo do Maranhão D. Fr. Carlos de S. José e Souza”; “Biografia dos brasileiros ilustres por armas, letras, virtudes, etc” (vários autores); “Biografia dos falecidos”; “Biografia do Visconde de Rio Branco”; “Traços biográficos da figura de Basílio Carvalho Daemon feitos por seus filhos”; “Biografia do Conego Januário Cunha Barboza”; “Biografia acerca dos serranos ilustres que já haviam falecido”; “Biografia do português Guilherme Pinto de Magalhães”, todos homens ilustres, pertencentes a elite brasileira do século XIX, em que o cunho destas produções tenha, ao que tudo indica, uma finalidade pedagógica, ideia apoiada por Guimarães (1988, p.19), quando afirma:

A Revista do IHGB, penetrada da concepção exemplar da história, abre uma rubrica em seu interior dedicada às biografias, capazes de fornecerem exemplos às gerações vindouras, contribuindo desta forma também para a construção da galeria dos heróis nacionais.

A escrita de Orville Derby permeia temas que abordam não apenas a geografia, mas também geologia<sup>12</sup>, antropologia e a própria história. Nesse sentido, é possível observar que o IHGB enquanto única instituição a abrigar materiais que tratam de uma história oficial calcada na ideia de Nação brasileira, reúna um corpo temático amplo, composto por publicações que versem sobre viagens e expedições no território brasileiro, limites, fronteiras, riquezas naturais e questões indígenas.

Essa interdisciplinaridade permitida e até mesmo incentivada dentro do IHGB explica-se, segundo Guimarães (1988, p.23):

Se pensarmos que, num dado momento de constituição da Nação, também a definição de sua identidade físico-geográfica é parte do projeto mais amplo, podemos entender o porquê de o instituto reservar espaço tão amplo ao tratamento o assunto. Na verdade, trata-se de definir com precisão os contornos físicos dessa Nação, integrando na imagem em elaboração os elementos continentalidade e riquezas enumeráveis, capazes de viabilizarem num futuro não definido a realização plena de sua identidade. Uma leitura desses relatos de viagens exploratórias e de reconhecimento nos permite acompanhar a atividade cuidadosa de olhos atentos a registrarem conhecimentos sobre as diferentes regiões do país. Não só o tamanho dos rios e a altura das montanhas serão medidos e precisados, como também será avaliada a possibilidade de integração econômica das diferentes regiões. Plano cuidadoso de enquadrinhamento e registro, diante do qual a realização de uma leitura apenas superficial não daria conta de revelar as profundas relações que ele encerra com o projeto de Nação que se quer criar.

Dos 173 artigos da *Revista* obtidos pelo site do IHGB, 22 foram catalogados como sendo, simultaneamente, das áreas 'história e geografia'. Destes 22, nove agregavam, ainda, as áreas 'geologia' (1), 'antropologia'(6), 'política'(1), 'física'(1) e 'astronomia'(1).

<sup>12</sup> De acordo com LEINZ (1955) citado por MAHL(2012, p.304), no século XIX, a geologia foi umas das áreas que despertou maior interesse das expedições que chegavam ao Brasil por envolver questões de cunho econômico típicas a esse tipo de atividade. Sendo assim, o autor dividiu estabelece uma divisão da história das pesquisas geológicas no Brasil em três conjunturas distintas: *época dos viajantes* (1810-1875), marcada pela grande dependência das pesquisas em relação aos cientistas estrangeiros que chegavam no país; *Comissões* (1875-1907), em que já havia um maior número de brasileiros participando das pesquisas exploratórias, embora sob liderança, ainda, estrangeira e a terceira e última fase em que, finalmente, é criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, em 1907, e a participação efetiva de cientista brasileiros nas pesquisas geológicas.

Pensando na Antropologia como disciplina acadêmica que, assim como a História, adquire o status de ciência também no século XIX, torna-se compreensível o diálogo entre ambas em um instituto como o IHGB. O ambiente que fez com que a antropologia de certa maneira desabrochasse, considerando que a Europa era o modelo científico a ser copiado, deu-se a partir de esclarecimentos, ainda no século XVIII, em que a natureza do homem era explicada a partir do desenvolvimento da biologia, da relação entre os homens e os animais e do surgimento da noção de 'raça' em referência ao homem que, no século seguinte, se consolidam com a publicação da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin. De acordo com Laraia (2005, P. 321-322):

É exatamente nessa época, no início da segunda metade do século XIX, que a antropologia começa a se consolidar como disciplina acadêmica.[...] Assim, era natural que o seu discurso fosse fortemente influenciado por conceitos biológicos e, especialmente, por paradigmas evolucionistas. As diversidades de comportamento e de desenvolvimento social, constatadas entre as diferentes sociedades humanas, levavam os antropólogos a buscar explicações científicas. Estas eram baseadas em um determinismo biológico.[...] Sem dúvida, são idéias convenientes para a época porque davam uma sustentação científica para antigas idéias racistas. Esta argumentação se torna, então, útil para uma Europa que procura ampliar o seu espaço de dominação mediante a política colonialista que caracterizou a história do século XIX.

No IHGB não era diferente, já que a sua produção historiográfica atuava, nesse período, no sentido de concretizar a ideia de mistura das três raças, que serviria de base para a implantação do mito da democracia racial.

Os títulos dos artigos de Derby na RIHGB em que as áreas História e Geografia, apenas, estão catalogadas juntas são<sup>13</sup>: “As caldas da Imperatriz: aguas thermaes de Santa Catharina”, “Viagem do Brigadeiro de José Custódio a cidade de S. Paulo”, na sessão "diário", com descrições das experiências, “Sessão "relatório", trata da exploração feita através de rios, importância dos meios de transporte para o desenvolvimento de um país. Rios como vias de comunicação”, “Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorf no interior do Brasil (1825 a 1829)”, “O nome da América será americano?”, “Viagem de exploração dos Rios das Velhas e S. Francisco”, “Relatório da Comissão exploradora dos rios S. Francisco, Paracatu e Grande. Villa de Guaicuhy, 26 de março de 1871”, “Tabella de latitudes e longitudes de diversos logares da província de Mato-Grosso determinadas por observações astronômicas

<sup>13</sup> Os artigos podem estar citados por título ou assunto. A intenção foi facilitar a compreensão do leitor.

pelo Barão de Melgaço”, “Diário da viagem filosófica pela capitania de São Jose do Rio Negro com a informação do estado presente”, “O selvagem perante o Direito”, “Index das copias de cartas e mais papeis tocantes a território e a Colônia do Sacramento”, “Quais os limites naturais, pacteados e necessários no Império do Brasil?”, “Viagens no Brasil (terreno, clima, rios...)”.

É possível perceber que o diálogo entre História e Geografia, nesse período, se dá, na sua maioria, sob o uso de termos que remetem a ideia de fronteiras, limites territoriais, rios, interior, enfim, de uma geografia espacial, apenas. Só futuramente, e não saberia estabelecer a partir de quando, é que a Geografia passa a absorver outras demandas que não somente os espaços físicos. Em entrevista concedida pelo professor de geografia da UNESP, Jayro Melo, ele evidencia as possibilidades de diálogo atuais entre as duas disciplinas que, no século XIX, nos artigos de Orville Derby na Revista do IHGB, não foi possível identificar

Veja-se o caso dos movimentos sociais no Brasil. O Geógrafo faz o trabalho de campo. Ele consegue ler um movimento social sob a ótica de sua territorialização. É ele que mapeia, que identifica a produção de espaços novos pela ação de sujeitos sociais. Ele consegue ler a paisagem em sua mobilidade, não visível ao olhar despreparado. Ele mergulha no que vê, no que sente, no que toca. Desvela e desmistifica o cotidiano de certezas plenas, de evidências que o olhar confirma. O geógrafo incomoda, quando o objeto que traz à tona é a realidade nua e crua da violência, da crueldade, da exclusão social. (MELO, 1996, P. 93).

As demais catalogações se deram da seguinte forma:

História e Política: “Prisão dos officiaes da Corveta Allemã (questões diplomáticas entre Brasil e Alemanha.)”, “Declaração da maioria do Imperador em 1840”, “Biographia dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes etc - transcrição das leituras de duas biografias feitas em sessão do IHGB”, “Duas curtas notas de falecimento com algumas observações referentes a biografia dos falecidos.”, “Cronologia dos acontecimentos importantes do Rio Grande do Sul entre 1737 e 1867”;

História e Cultura: “Artigo sobre a produção intelectual no Brasil em 1801”.

História e Geologia: “Subsidios para a historia de Minas”, “Investigações científicas para o progresso da geologia mineira.”.

História e Antropologia: “Memoria sobre usos e costumes dos indios Gurany, Caiuás e Botocudos”, “Campos dos Goytacazes em 1881”, “Autor parte da descoberta de relíquias etnológicas acerca da ordem dos Sambaquis”.

História, Geografia e Geologia: “A comissão geographica e geologica de São Paulo”.

História, Geografia e Antropologia: “Fala dos gentios da região, os rios relevantes para estes, sua lingua, costumes etc...”, “A província do Rio Grande do Sul - Descrição e viagens”, “Diario da viagem filosofica pela capitania de São Jose do Rio Negro com a informação do estado presente”, “Viagem feita por José Francisco Thomaz pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, província do Paraná.”, “Viagem feita com velas, problemas com ausência de ventos necessários para o sucesso da viagem”.

História e Economia: “Rendimentos dos empregos e officios das diversas repartições da cidade do Rio de Janeiro dos tempos coloniaes”, “Novas culturas - obras públicas, rendas e despesas do Brazil nos tempos coloniaes”, “Memorias públicas e economicas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.(Tabelas).

História, Geografia e Política: “Compilação de documentos relativos a diferentes períodos do Estado hoje chamado de Rio Grande do Sul”.

História, Geografia e Física: “Thesouro descuberto no Maximo (Rio Amazonas)”.

História, Antropologia, Geografia e Astronomia: “Trechos de carta a respeito de viagens ao Brasil”.

História e Zoologia: “Memória escrita em francês acerca de viagens feitas ao interior do Brasil com foco no som dos animais.”.

História e Artes: “Notícia histórica e artística da cidade de S. Vicente, SP.”.

História e Catalogação de documentos: “Necessidade de uma collecção systematica de documentos da História do Brazil.”.

A catalogação dos títulos pelo termo “História” foi o que gerou o maior número de documentos, porém, relatarei apenas alguns para que se tenha a ideia do que se entendia como assunto exclusivamente do campo da história:

História: “Carta ao comandante da exploração com o vapor Saldanha Marinho”, “Tabela com dados dos municípios, províncias, habitantes e alunos frequentes em escolas correspondentes às margens do São Francisco”, “Assédio e

rendição da praça da colônia do santíssimo sacramento”, “Memória do sr. João Baptista Badaró assassinado na cidade de São Paulo”, “Discurso no IHGB”, “História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira”, “Notas para a história pátria: Por que razão os indígenas do nosso litoral chamavam os francezes de “Maír” e os portugueses “Péros”, “História da imprensa do Maranhão”, Um episódio da história pátria: memória acerca da Declaração de Independência do Brasil e a vinda do príncipe regente à São Paulo em 1822”, Relatos sobre feitos de João Fernandes Vieira, tanto em Recife quanto em Pernambuco nas suas batalhas contra os holandeses, “Condições ajustadas com o governador dos paulistas Domingo Jorge Velho para que este extinguisse os negros levantados dos Palmares”, “Tremor de terra na Bahia em 1824”, “Documento eclesiástico referente a terras”, “Biografia de Visconde do Rio Branco”, “Movimento político de Minas-Geraes em 1842”, “Padrões de mármore existentes no Instituto Histórico”, “Objectos do Museu”, “Creação de uma universidade no Império do Brazil”, “Genealogia paulista”, “Legislação sanitária referente à medicina em Portugal e estados do Brasil”, “A balaiada”, etc.

Lendo alguns desses artigos, percebe-se em um de 1876, intitulado “Relatório de viagem de exploração dos Rios das Velhas e S. Francisco feita no vapor Saldanha Marinho”, em que o autor lamenta o fato de o Brasil não ocupar um lugar de destaque entre as nações devido a postura passiva da população devido a herança racial dos brasileiros.<sup>14</sup>

Um outro, de 1878, trata das cartas de Amerigo Vespucci. Em um dos trechos o autor se refere aos possíveis nativos como monstros e canibais, além de manter a navegação no sentido sudeste. Diz ter pego alguns pássaros que seriam dóceis, além de relatar um carregamento de Pau Brasil.<sup>15</sup>

Dos 173 artigos levantados, como dito anteriormente, apenas três aparecem catalogados como ‘geologia’: um de 1884 e os outros de 1900 sob os títulos “Investigações científicas para o progresso da geologia mineira”<sup>16</sup>, “Subsídios

<sup>14</sup> Artigo catalogado nas áreas ‘história e geografia’. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/76554-relat%c3%b3rio-da-viagem-de-explora%c3%a7%c3%a3o-dos-rios-das-velhas-e-s%c3%a3o-francisco-feita-no-vapor-saldanha-marinho.html>>. Acesso em: 12 jun.2015.

<sup>15</sup> Artigo catalogado nas áreas ‘história, antropologia, geografia e astronomia’. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/76574-cartas-de-amerigo-vespucci-na-parte-que-respeita-%C3%A0s-suas-tr%C3%AAs-viagens-ao-brasil-traduzidas-e-anotadas-criticamente-pelo-visconde-de-porto-seguro.html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

<sup>16</sup> Este artigo aparece catalogado como sendo das áreas ‘história e geologia’. Disponível em: < Artigo

para a história de Minas”<sup>17</sup> e “A comissão geographica e geológica de São Paulo”<sup>18</sup>, respectivamente. O primeiro artigo, escrito por José Franklin da Silva Massena, trata de apontamentos acerca da geologia, como a classificação de montanhas, vales, chapadões, rios etc. O autor conclui afirmando que Minas Gerais é o local mais rico em minerais e mais importante nos estudos geológicos. O segundo, escrito por Capistrano de Abreu, trata de algumas ordens dadas a Jorge Soares acerca de certas minas. No terceiro, o autor Henry Raffard fala da Comissão Geográfica e Geológica, suas instalações e que ele, como companheiro de trabalho de Derby, teria mencionado o posicionamento do geólogo quanto a importância de pesquisas em toda a província. Raffard tece muitos elogios a Derby e menciona o desejo futuro de escrever a sua biografia.

Sobre o IHGB, Guimarães (1988, P. 14) afirma

Já pela adjetivação presente em seu nome Histórico e Geográfico, fica claro o projeto da instituição de trabalhar com o instrumentário da história e da geografia [...] história e geografia enquanto dois momentos de um mesmo processo, ao final do qual o quadro da Nação, na sua integralidade, em seus aspectos físicos e sociais, estaria delineado.

Apesar disso, o que me chamou a atenção foi o fato de, dentro de uma amostragem tão vasta, apenas dois artigos terem sido catalogados como da área da Geologia. Diante de um outro artigo, cujo título é “Histórico de descobertas dos diamantes no Brasil”, de 1900, este está catalogado na RIHGB na área de História, logo, não saberia identificar qual o critério para tais escolhas visto que este, pelo seu título, poderia se localizar na Geologia. Mesmo História e Geografia serem as áreas predominantes do IHGB, dos artigos levantados apenas em um o termo ‘geografia’ aparece sozinho. A grande maioria deles o termo ‘história’ predomina sozinho ou ainda compartilhado com outras áreas.

É inegável a contribuição de Orville Derby enquanto geólogo de formação para a escrita da história do Brasil no século XIX, embora ele também tenha

---

catalogado na área. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/76196-investiga%C3%A7%C3%B5es-cient%C3%ADficas-para-o-progresso-da-geologia-mineira-em-1867.html>>. Acesso em: 12 jul.2015.

<sup>17</sup>

<sup>18</sup> Artigo catalogado nas áreas ‘história, geografia e geologia’. Disponível em:<<https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/72996-a-comiss%C3%A3o-geogr%C3%A1fica-e-geol%C3%B3gica-de-s%C3%A3o-paulo.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

transitado como historiador, geógrafo, arqueólogo, entre outros e isto fica claro no teor dos artigos disponibilizados na RIHGB.



## CONCLUSÃO

Escrever sobre a vida de uma pessoa tem os seus desafios, considerando, principalmente, que essa escrita é pensada e articulada nos moldes do que se espera de uma produção de historiador, levando em conta os lugares tanto de quem escreve como sobre quem se escreve. As inquietações iniciais versaram sobre a abordagem que seria dada a vida de um homem que, como tantos outros, embora parte de uma elite, estudou em um outro país, veio para o Brasil em 1876 e, a partir de então, começou a sua caminhada acadêmica, inevitavelmente, carregada de intencionalidades internas e externas.

Falo de intencionalidades na medida em que, para que Orville A. Derby viesse ao Brasil nos anos 1870, houve uma preparação intelectual que propiciou a sua vinda, sobretudo por também haver uma demanda, naquele momento, por esse tipo de profissional. De acordo com Cordeiro Junior

Uma série de associações de cientistas e de institutos de pesquisa foram criados para atender a essas demandas. Sem dúvida, uma das mais importantes instituições do período foi o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O referido instituto foi criado por Orville Derby no esforço em desenvolver suas análises e pesquisas aliando os seus interesses científicos aos interesses da elite paulistana. (CORDEIRO JR, 2014, P. 84).

Antes dele, Hartt e outros pesquisadores vieram ao Brasil por vias de expedições dispendiosas, financiadas por universidades e governos liderados por homens cujos interesses ultrapassavam as questões meramente intelectuais, mas principalmente conduzidos por vantagens econômicas que garantiriam mais prestígio e riqueza nas mãos de uma pequena minoria afortunada e detentora de terras e poder.

Orville A. Derby chega ao Brasil, definitivamente, em 1876. Como já mencionado anteriormente, integra os espaços destinados aos intelectuais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Museu Nacional e, posteriormente, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde é criada a Comissão Geográfica e Geológica da província de São Paulo, em 1894. Enquanto estava à frente desta comissão enfrentou diversas situações que envolviam questões de interesse político e econômico. Entre elas, posso citar a pressão para

que saísse da Comissão Geográfica e a redução de verba que tal comissão sofreu, dificultando assim a sua manutenção.

Ainda segundo Cordeiro Junior, nomes como Nina Rodrigues, Theodoro Sampaio, Euclides da Cunha entre outros, integravam o cenário intelectual da época no Brasil.<sup>19</sup> Orville Derby, juntamente com Theodoro Sampaio teria colaborado com Euclides na escrita de sua obra *Os sertões*, no sentido de promoverem encontros para discutir obras e referências, “além de ‘assessoria’ nas questões geológicas e científico naturais às quais Euclides da Cunha tratava na sua obra.” Ferreti apud Cordeiro Jr (2014, P. 77) destaca que uma das premissas do IHGSP era formar uma identidade brasileira em torno da representatividade do bandeirante paulista, sendo esse um projeto do governo republicano idealizado e custeado por intelectuais e por uma elite paulistana.

Embora tenha ficado evidente que a participação e influência de Derby fora maior no IHGSP do que no próprio IHGB, meu recorte se deu em relação a este último e aos artigos escritos diretamente por Derby ou que faziam menção ao seu nome na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como afirma Guimarães (1988, PP. 09-10), embora Derby não tenha sido fundador do IHGB,

Um exame da lista dos 27 fundadores do IHGB nos fornece uma amostra significativa do perfil do intelectual atuante naquela instituição. A maioria deles desempenha funções no aparelho de Estado, sejam aqueles que seguem a carreira da magistratura, após os estudos jurídicos, sejam os militares e burocratas que, mesmo sem os estudos universitários, profissionalizavam-se e percorriam uma carreira na média burocracia. Parte significativa desses 27 fundadores pertencia a uma geração nascida ainda em Portugal, vinda para o Brasil na esteira das transformações produzidas na Europa em virtude da invasão napoleônica à Península Ibérica.

Considerar a importância do IHGB enquanto instituição do século XIX destinada à produção de uma história oficial do Brasil fez com que houvesse um grande estímulo quanto à vinda de pesquisadores estrangeiros para o país neste período. No caso específico de Derby, embora o IHGB não tenha sido a porta de entrada dele no desenvolvimento dos seus estudos sobre o Brasil, não há dúvidas

---

<sup>19</sup> Interessante recordar disciplinas do curso como Historiografia brasileira e História do Brasil, em que o nome de Derby não se fazia presente, mas os destes outros, contemporâneos de Derby, eram citados com mais frequência. Ao fazer as leituras durante o Pibic e a confecção desta monografia, fica mais claro para mim, enquanto aluno de Graduação estabelecer esses *links*. Quero dizer que fica mais claro entender o contexto brasileiro levando em consideração o que cada um desses homens produzia em termos de estudo e de historiografia: Nina Rodrigues, que era médico e produzia discursos higienistas, hoje considerados racistas e Theodoro Sampaio, filho de escrava que se tornou um dos maiores engenheiros do Brasil.

de que, dadas as fontes, ou seja, os artigos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o peso de sua produção historiográfica, sobretudo nos ramos da Geografia e da Geologia, é evidente. De acordo com Paiva (1930, P. 170), embora tenham fornecido importantes estudos sobre a natureza, muitos naturalistas brasileiros não tiveram projeção mundial. Derby foi um deles.

Orville Adelbert Derby, durante toda a vida, foi um distinto pesquisador no campo das geociências, com especial preocupação para a paleontologia. Era rigoroso em seus trabalhos, buscando eficiência, rapidez e produtividade. Criou instituições, recrutou especialistas, formou pessoal nativo, entregando ao Brasil um alentado grupo de cientistas, muitos deles atingindo elevadas posições profissionais (PAIVA, 1930, P. 182).

Outro aspecto importante a considerar da atuação de Derby foi o seu compromisso em disseminar tais pesquisas não só nacionalmente, mas enviando material para guarda e divulgação no exterior, mais precisamente nos EUA. Durante o período em que esteve no Brasil, seja durante as primeiras expedições (1870) ou quando residiu definitivamente no Rio de Janeiro, a partir de 1875. Derby, acompanhado pelo seu professor de geografia e geologia Frederic Hartt em suas andanças pelo Brasil esteve em Pernambuco, Bahia, Sergipe, Pará, Amazonas, Paraná, entre outros.

Em relação à criação da Comissão Geológica do Império, esta se deu com Frederic Hartt a partir das primeiras expedições organizadas para o Brasil, em 1874. Segundo o verbete do Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930):

A viagem organizada por Hartt não tinha apenas fins científicos, mas principalmente visava convencer as autoridades brasileiras da importância da elaboração de um mapa geológico do Império. Além da aceitação do Governo Imperial, Hartt obteve ainda uma outra vitória, que foi a criação da Comissão Geológica do Império, pelo Aviso de 30/04/1875. Hartt foi convidado para chefiá-la, e foram nomeados como seus assistentes Orville Adelbert Derby, Richard Rathbun (1852-1918), geólogo da University of Cornell, John Casper Branner (1850-1922), do Departamento de Botânica e Geologia da Indiana University, e os brasileiros Elias Fausto Pacheco Jordão, que havia se doutorado em 1874 em engenharia civil na University of Cornell, e Francisco José de Freitas. Integraram, também, o corpo técnico da comissão os geólogos Luther Wagoner e Herbert Huntington Smith (1851-1919), e o fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923).<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/derbyorv.htm>

Com o fechamento da Comissão em 1877 sob o argumento de redução de gastos, Derby, Hartt e Rathbun elaboram um material contendo todos os estudos feitos até então na tentativa de convencer os governantes a reabri-la. Tentativa fracassada, Hartt morre no ano seguinte, cabendo a Derby a guarda e preservação deste acervo. Enquanto alguns colegas de Derby retornam aos EUA, ele se estabelece no Brasil, trabalhando sem remuneração no Museu Imperial e Nacional até 1879, como “professor, pesquisador e organizador das coleções de minerologia e paleontologia pertencentes ao acervo da instituição.”.<sup>21</sup>

Apesar de Derby, nesse período, ter realizado uma quantidade muito grande de trabalhos de campo – cerca de quarenta e dois nos ramos da geologia, mineralogia, petrografia, paleontologia, jazidas minerais e meteoritos, na grande maioria dos artigos que consultei no site do IHGB na Revista deste instituto, a maior parte das menções aos trabalhos de Derby aparecem catalogadas sob os termos “história” e “geografia”. Não que isso impeça de percebermos que havia um diálogo evidente entre estas disciplinas, sendo essa uma inquietação a ser aprofundada, apontando caminhos possíveis em trabalhos futuros, posteriores a este.

---

<sup>21</sup> <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/derbyorv.htm>

## REFERENCIAS

ARAUJO, Valdei Lopes; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: Gomes, Angela de CASTRO (Org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo: Edições 70, 1982.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Brasília: A divulgação científica no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. Disponível em:  
<<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasilia/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=38&sd=21>>. Acesso em: 25 jun. 2016

CORDEIRO JR, Jussaty Luciano. *As múltiplas matrizes discursivas da obra Os sertões de Euclides da Cunha*. Belo Horizonte, 2014.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. *Da ciência biológica a social: a trajetória da antropologia no século XIX*. Goiânia: Habitus, v.3, n.2, pp.321-345. Jul./dez. 2005. Disponível em:  
<<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/63/59>>. Acesso em: 25 jun. 2016

LOPES, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 2009.

MAHL, Marcelo Lapuente. Orville Adelbert Derby: ciência e vida intelectual em São Paulo (1886-1905). *Anais do XX Encontro Regional de História*. História e Liberdade. Franca – SP, 2010, Pp. 1-7. Disponível em:  
<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/C%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marcelo%20Lapuente%20Mahl.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 16

MAHL, Marcelo Lapuente. Orville Adelbert Derby: notas para o estudo de sua atuação científico-intelectual em São Paulo (1886-1915). *Revista de História*. São Paulo, nº167, p.295-320, jul/dez, 2012. Disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/49097/53172>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Revista Trimestral de História e Geographia. Instituto Histórico e Geographico do Brazil. nº 24, jan/1845. Disponível em  
<[http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/von\\_martius\\_como\\_se\\_deve\\_escrever\\_a\\_historia\\_do\\_brasil\\_1845.pdf](http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/von_martius_como_se_deve_escrever_a_historia_do_brasil_1845.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MELO, Jayro Gonçalves. *História e Geografia: diálogos e silêncios*. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/2436/2192>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O litoral do Nordeste do Brasil como objeto científico darwinista: as prospecções de John Casper Branner, 1899-1911*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702014000300931](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000300931). Acesso em: 21 fev. 2016.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: VII – outros ingressos no século XIX*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 175 (462): 171-186, jan./mar. 2014. Disponível em: <[https://ihgb.org.br/component/k2/itemlist/filter.html?category=9&fitem\\_all=Orville&muleld=149&Itemid=148](https://ihgb.org.br/component/k2/itemlist/filter.html?category=9&fitem_all=Orville&muleld=149&Itemid=148)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

PAYEN, Pascal. *A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma aliança?* História da historiografia, Ouro Preto, nº.6, mar.2011, pp. 103-122. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/250/180>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história? Memória, História e Historiografia: Dossiê Ensino de História. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol.13, nº 25/26, pp.67-80, set. 1992/ago.1993.

SCHMIDT, Benito Bisso . *História e biografia*. In: Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. (Org.). *Novos domínios da História*. 205 ed. Rio de Janeiro, 2011, v. , P. -187.

TOSATTO, Pierluigi. *Orville A. Derby: “o pai da geologia no Brasil.”*. Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM. Museu de Ciências da Terra. CPRM Serviço Geológico do Brasil. Rio de Janeiro, 2001.